

Poemas sobre São Paulo

VÁRIOS AUTORES

CEMITÉRIO DO ARAÇÁ

Quando ainda era menino,
voltava calado para casa,
interrogava teu muro alto.
Eras o melhor vizinho.

Habitado a jogar futebol
na sinuosa rua dos fundos,
estranhava que as bolas
não voltassem do teu mundo.

Você resistiu ao cerco
da cidade que cresceu
(eu também cresci)
sempre à tua volta.

Repisando nosso passado,
hoje, finalmente, te visito.
Busco meu pai enterrado
dentro do teu labirinto.

Augusto Massi

LENDO NO TREM A CAMINHO DE CASA

nascida
na beira do pântano, no meio
de gente rude, criada
para dar nome
às cabras
e cultivar terras inóspitas

daí, dizem
os filólogos, tantas metáforas
agrárias, nesta língua
em que uma *página*
antes de ser
página do livro que estou lendo
serão estacas
fincadas na terra
– entre elas se espalham
as ramas da parreira

língua em que *feliz*
é a árvore que produz; *caduco*
o fruto que cai; *delírio* se diz
do grão que brota
fora do sulco
(isto é, da *lira*
pois esse é o nome da linha
do rego
da vala
rasgada no chão
para o germinar das sementes)

língua que, como diz
um eminente linguista português,
seguiria ordenando guerras e colheitas
não tivesse ela própria
“cindido-se desvairadamente”
em cabos
rocas
oceanos inteiros

a ponto de parir toda uma geografia
e florescer no extremo do extremo

a ponto de florescer aqui
neste trem
nesta janela
junto às águas negras
do pinheiros
(água que me fala
tão de perto, rente à pele
dos ouvidos, fragmento
de conversa, solução
entrecortado de trilhos
“*eu me viro, eu me viro*”)
enquanto
a caminho de casa
folheio as páginas de um livro

SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

e volta e meia, entre uma
linha e outra, estico os olhos
pelos companheiros de viagem
neste expresso metropolitano –
gente de todo tipo, corpo, cara, tamanho
que porta consigo seus problemas &
pacotes de fim de ano –
e leio, em cada um, o transeunte
de uma língua
em busca de seu destino
– cidade universitária jaguaré presidente altino –
transeunte como eu
prestes a descer
em qualquer ponto do caminho

até que num repente
a noite salta da outra margem
desliza sobre a água, entra pela porta
enquanto – sem tempo de fechar o livro

*“cuidado com o ṽao
entre o trem e a plataforma”*

eu piso
sem volta
do lado de fora

Alberto Martins
(Inéditos)

NOTURNO DA RUA MARQUÊS DE ITU

Começa na Praça da República
de maneira desde já oblíqua e ambígua
e vai pondo árvores abstratas
em seu caminho.

Passantes passam-lhe ao longo
e ao estreito, conhecidos meliantes
e mundanas
líricas sem escamas e sem dentes
ou de sorriso afiado como um corte,
professores de medo em uniformes
de um azul mais escuro do que o preto
da noite que dissolve esses contornos
e marginais possíveis,
impossíveis trazendo a punição na testa
como um emblema.

O uivo dolorido da polícia
estilhaça o sono nas calçadas.

A culpa pula, esconde-se na esquina,
espreita atrás do cartaz,
dá boa-noite e vai punir-se
no porão do edifício, perplexa.

A rua que se afina segue os fios
do ônibus elétrico:
transatlântico salão iluminado deslizante
caixão claro vazio baleia oca sob
a luz corrompida da lua. A rua
transporta para o lado das Perdizes,
Pacaembu, Lapa, Arvoredo, Tempo
os veículos que analisa, canaliza,
o imaginário corredor que é o ônibus
de olhares furados.

Enquanto, maliciosa, pisca a análise,
a rua calada e fria mais que a lua
vai derivando tudo para o lado
do longe e para ele ela deriva
seu

sempre

que é simplesmente um nunca.

Rubens Rodrigues Torres Filho
(*Novolume*. São Paulo: Iluminuras, 1997. p.77)

SEGUNDO PAPEL

a cidade é o óbvio,
o que salta aos olhos
ulula, o que brilha
e fede

a cidade é o cais
caos sob controle
outro dia de luto,
de luta, de luxo

a cidade é perder
outro sol que agride
outra lua (a cidade com-
porta), mesma via

e é sempre tarde
e o lugar que falta
e o que nos prende,
perene, perece

Tarso de Melo

(*Planos de fuga e outros poemas*. São Paulo: Cosac Naify;
Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2005. p.70)

O VENTO NESSA CIDADE

O vento nessa cidade
vem sempre na mão contrária.

Fumaça, papéis e poeira
pegam carona, sem rumo

(pessoas também, se bem que elas
não se diferenciam muito

de papéis, poeira ou fumaça). O
preto, que à mão só tem dedos,

grava na sarjeta o mapa
de seu tesouro escondido,

já são vistos traços brancos,
mas vamos de olhos cerrados,

pois nessa cidade o vento
não aceita ser contestado.

Paulo Ferraz

(*Evidências pedestres*. São Paulo: Selo Sebastião Grifo, 2007. p.14)

ÀS MINHAS COSTAS

As portas do metrô mastigam
o ar condicionado.

Estou em trânsito, com os demais.
Percorremos a rede incorpórea
que há de permanecer.

Não se ultrapassa a linha amarela.
Nada cheira. E a escada rolante
– áspera via – até se alegoriza

ao conduzir-nos de volta ao simulacro
passageiro das avenidas.

Na saída, ponho os óculos escuros.

Sérgio Alcides

(*O ar das cidades: poemas (1996-2000)*). São Paulo: Nankin, 2000. p.33)

A CIDADE

Por mais que insistas em recusar,
esta é, sim, a tua cidade concreta
onde tantos te ofereceram amizade
e o amigo partiu pela porta secreta.

Andaste cabisbaixo pelas calçadas
remoendo as humilhações do trabalho.
Marcaste este chão com teus passos,
dores recolhidas como um rebotalho.

Aqui nasceram os filhos, a epifania
das infâncias que sumiram passageiras.
Abriste envelopes com muito medo,
receoso daquelas notícias derradeiras.

Tu que amas a simetria permanente
viste a barriga da cidade arregaçada.
Como nas telas de Anselm Kiefer,
tens nela tuas perplexidades retratadas.

Donizete Galvão

(*O homem inacabado*. São Paulo: Portal, 2010. p.59)

TRENS URBANOS

Não são como os ratos
ou os vira-latas.

Nunca desviam,
os trens.

Este sempre acompanha
o rio morto vivo.

Aqui dentro, uns lutam pra dormir,
outros, pra acordar.

Uns achando que a vida
é preparação pra morte.

Outros, que a morte
é o motor da vida.

Outros não acham nada.
Sobrevivem.

Os meus botões pensam:
morte em vida é que é problema.

Cocteau pensava além: a vida
é uma queda na horizontal.

O trem para. A porta se abre.
Na falta,

qualquer rua, pra mim,
é rio.

Ruy Proença

(*Visão do térreo*. São Paulo: Editora 34, 2007. p.41)

Créditos dos poetas

Augusto Massi, como poeta, publicou *Negativo* (Companhia das Letras, 1991) e *A vida errada* (7Letras, 2001).

Alberto Martins é autor dos livros *Uma noite em cinco atos* (Editora 34, 2009) e *Em trânsito* (Companhia das Letras, 2010).

Rubens Rodrigues Torres Filho publicou *Poros* (Livraria Duas Cidades, 1989), *Retrovar* (Iluminuras, 1993) e *Novolume* (Iluminuras, 1997), entre outros.

Tarso de Melo é autor de *Planos de fuga e outros poemas* (São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2005), *Lugar algum: com uma teoria da poesia* (Alpharrabio, 2007) e *Exames de rotina* (Editora da Casa, 2008), entre outros.

Paulo Ferraz publicou, sob o Selo Sebastião Grifo, os livros *Constatação do óbvio* (1999), *Evidências Pedestres* e *Do novo nada*, ambos em 2007.

Sérgio Alcides escreveu o livro de poesias *Nada a ver com a lua* (Sette Letras, 1996) e *O ar das cidades: poemas (1996-2000)* (Nankin Editorial, 2000).

Donizete Galvão publicou, em 1988, *Azul navalha* (T. A. Queiroz Editor), em 1999, *Ruminações* (Nankin Editorial) e, em 2010, *O homem inacabado* (Portal Editora), entre outros.

Ruy Proença é autor dos livros de poesias *Pequenos Séculos* (Klaxon, 1985), *A lua investirá com seus chifres* (Giordano, 1996) e *Visão do térreo* (Editora 34, 2007), entre outros.